

tono! Não poderia ficar até o inverno? Talvez até as dificuldades com a prótese, que o senhor menciona em sua carta, fossem menos intoleráveis aí do que em Berggasse, por mais invernosos que o tempo possa ser.

Não deve cansar-se lendo meu ensaio — não há realmente pressa alguma. Fico muito envergonhada por ter tido de escrever-me uma carta sobre isso. Sei que minhas páginas estão sob ótima guarda em suas mãos ou em seu quarto. Ficam muito felizes porque estão aí e não têm grandes ambições além disso. Em três pontos faltam alguns trechos²¹⁵ que considero importantes e que gostaria de acrescentar mais tarde. A fim de inseri-los, preciso ter o manuscrito de volta um desses dias, pois tolamente é a única cópia que possuo. Afora isso estou inteiramente de acordo com qualquer coisa que me venha a propor, contanto que não seja um incômodo para o senhor.

Gostaria realmente de ter notícias frescas sobre seu estado de saúde todos os dias. Minha saúde é satisfatória, como tudo o que me é permitido e estou em boa forma. No momento, estou ocupada numa análise muito interessante de um oficial com estados de ansiedade, que ficou cego na guerra.

Mil saudações!

Sua,
Lou

(cerca de 10 de julho de 1931)
(Viena) XVIII, Khevenhüllerstr. 6

Cara Lou

Estou escrevendo-lhe de novo antes de receber sua resposta, pois já acabei de ler seu ensaio.

Raramente aconteceu-me ter admirado um trabalho psicanalítico em lugar de criticá-lo, mas desta vez não posso deixar de fazê-lo. É a melhor coisa sua que já li, uma prova involuntária de sua superioridade sobre todos nós — de acordo com as alturas de onde você desceu até nós. É uma verdadeira síntese terapêutica absurda de nossos oponentes, não uma síntese verdadeiramente científica: pode-se confiar em que ela consiga transformar novamente num organismo vivo a coleção de ner-

vos, músculos, tendões e vasos sanguíneos a que a faca psicanalítica reduziu o corpo. Se ao menos pudéssemos ampliar de uma forma plástica aquilo que você esboçou com seu delicado pincel, talvez nos tornássemos capazes de compreender as verdades finais.

Nem tudo de que você trata me foi imediatamente inteligível e nem tudo também valia a pena saber. Mas, apesar do que dizem algumas pessoas, não sou um artista. Jamais poderia ter descrito os efeitos da luz e da cor, mas apenas seus contornos grosseiros.

Sugiro que você permita à *Verlag* publicar o ensaio como um trabalho independente, sem enviá-lo primeiro a *Imago*. Poderia intitular-se 'Meus Agradecimentos à Psicanálise', com o subtítulo 'Carta Aberta ao Prof. F. por seu 75.º Aniversário'. Por favor, informe-me logo de sua decisão.

Muito cordialmente seu,

Freud

(Göttingen, meados de julho de 1931)

Caro Professor Freud

Sua carta chegou ontem à noite (logo depois de ter posto a minha no correio). Estou fora de mim de alegria. Que mais posso desejar? Estou felicíssima de que não tenha feito nenhuma objeção ao meu trabalho, que eu talvez tivesse achado impossível alterar, e por ter-me escrito imediatamente e de seu próprio punho comentários tão, tão bondosos. Eu mesma estou muito, muito consciente do êxito relativo desta tentativa de exprimir meus sentimentos e há muitos anos que sinto um enorme ímpeto de fazê-lo.

É claro que estou de acordo com qualquer coisa que o senhor proponha: que saia sob a forma de livro ao invés de ser publicado antes em *Imago*. O subtítulo 'Carta Aberta' etc. também me atrai muito. Apenas o título principal deve ficar como está, ou seja, 'Freud' não deve ser substituído por 'Psicanálise'. Todo o ensaio está realmente contido nesta única palavra. Originou-se inteiramente no homem que tem esse nome. Simplesmente, não posso imaginar o que teria sido enquanto